

VILÉM FLUSSER
Milton Vargas, Nesta.

2/1/69

3

Caro amigo, toda vez que a discussão passa para o tema do nazismo, e que ouço as suas opiniões, um frio mortal aperta minha garganta. Não quero negar que há, nessa minha reação, uma forte dose de subjetivo. No sentido de de tratar-se daqueles acontecimentos que destruíram meu mundo, minha família, meus amigos, e parte de minha vida. Não quero negá-lo, mas creio honestamente que trinta anos e milhares de quilômetros, aliados a minha tendência para o abstrato e a teoria, oferecem suficiente distância para que mencioner não é apenas resultado de um trauma, mas tem raízes mais ancoradas na realidade. Com efeito, receio que aquilo que sinto nessas ocasiões é o terror de um abismo ético e estético para o qual a atração que sinto por si ameaça precipitar-me. Oxala esteja enganado. Esta carta tem o propósito de esclarecer o problema, tanto para mim quanto para si. A nossa diferença de opinião quanto ao nazismo pode ser parcialmente explicada pela diferença de informação que temos a respeito dele. Suas informações são mais gerais e mais "destintessadas", minhas são imediatas, muito detalhadas, e baseadas sobre observações e vivências imediatas. Isto permite que suas opiniões sejam mais amplas, e minhas mais gradadas à realidade. Mas esta diferença de informação explica apenas parcialmente a diferença de opinião, e resta um resíduo inexplicado terrificante. E deste resíduo que quero ocupar-me. Não importa, a meu ver, se na sua opinião o nazismo incentivava certas atividades de pesquisa, e na minha bloqueava todas. Isto é apenas aspecto de um problema mais amplo, do qual tratarei em seguida, e peço que não perca paciência comigo.

Falarei primeiro do aspecto estético da coisa. Para mim o nazismo é a maior manifestação de vulgaridade e obscuridade da qual tenho conhecimento. Trata-se de uma pornografização da política em particular, e da cultura em geral, de uma transformação de toda a nossa tradição em colossal chingão tola e repulsiva. Por exemplo: se Feder diz que Maria "fodia com juden", quando diz que Marx "cheirava e exalava o cheiro do semitismo", quando diz que "Stalin lambia o traseiro de Trozki", etc. etc., tenho vergonha de citar o filho oficial do nazismo. Esse nojo que o nazismo me causa é um obstáculo para uma apreciação das suas manifestações, porque não permite que se fale nelas. Já não me detenho no aspecto correto dos erros de gramática e de estilo, e dos erros de fato. (Hitler dizia, por exemplo, que o judaísmo é uma cobra venenosa que asfixia a nação alemã, e que o capitalismo está com um pé na cova, com outro na merda, e com o terceiro no pescoco dos trabalhadores). O horror que me causa isto é o fato que camadas ed camadas da população chamam estas coisas sem manifestar-se.

Pois tudo isto pode ser facilmente explicado. O nazismo é a manifestação cultural de uma pequena burguesia que perdeu o verniz da falsa cultura e caiu na vulgaridade. E mostra, portanto, o nível verdadeiro da pequena burguesia. Mas

explicar não significa tornar tolerável. Pelo contrário, para mim isto mos-
tra que quanto mais a cultura, e com quanto cuidado ela precisa ser culti-

vada para não decair na tola vulgaridade do nazismo.

Falar de aspecto ético agora. Para mim o nazismo é a maior prova de fato

que a maior maldade é a tolice. Trata-se de um maligno mal digerido de teo-

rias biológicas e econômicas semi-lidas e incompreendidas, que serve como jus-

tificação para a racionalização de frustrações econômicas e sexuais de uma

camada do povo alemão, e que resulta na destruição de vidas e valores sem pa-

razeiro na história da humanidade. Por exemplo a tese de Haushofer que os

franceses são negros e os russos são mongóis, e que devem, por causa disto,

ser enquadados em uma nova ordem hierárquica de raças, que é uma hierarquia

econômica. E tamanho o amontoado de cretínices nessa teoria, que ninguém

se dá o trabalho de analisá-la, não fosse o fato incrível que essa teoria

foi posta em prática durante dois anos. Ou, por exemplo, a tese de Rosen-

*farj*berg, que a raça nórdica é a única capaz de cultura, que Jesus, Confúcio e

Ramesses, (não sei porque Ramesses), eram loiros, que Miguelângelo se chamava

"Bohrroft", e que, por causa disto, todos aqueles que não são loiros devem

ser eliminados do estudo universitário. Para mim, isto é advertência contra

a vulgarização da ciência, mas principalmente contra um fácil desprezo pela

inteligência disciplinada. Porque o desprezo pela inteligência, (qualifica-

da por Rosenberg de "talimudismo judeu", numa ignorância abismal tanto do

talimud como da inteligência, como de Bergson), porque esse desprezo resulta

na mais terrível das maldades. A saber: na maldade da cretínice.

É o terrível e a

para mim o eidos do nazismo: vulgaridade e cretínice. E o terrível é a

demonstração o quanto é poderosa esta combinação e com que facilidade varie

ela a cultura da cena. Essa cultura pode ter enormes falhas. Pode, inclusi-

ve, ser estruturada de maneira basicamente errada. Mas o nazismo não é uma

revolução cultural, no sentido de querer destruir uma cultura e substituí-la

por outra. É, pelo contrário, um movimento de cultura mesma, embora um mo-

vimento de suas camadas mais vergonhosas. Em outras palavras: é o suicídio

de uma cultura, e seu decadência na lama. "Nostalgia de la boue", isto é

o nazismo. Em outras palavras: uma porcaria.

Pois bem, creio que lhe conheço. Creio que compreendo aquilo que lhe fascina

nessa porcaria: os momentos que fazem lembrar uma libertação do jugo de um

racionalismo astizante, e a abertura para uma visão mais concreta, (digamos

"mítica",) do mundo e do homem. Mas trata-se de um malentendido seu. Não

há nada mais racional e teórico que o nazismo, (embora se trate de uma pessí-

ma razão e de uma pessíma teoria). Não há nada mais massificante, inautênti-

co e rebanhizante que o nazismo. O marxismo empalidece em comparação com

ele. Não há maior recusa de destino humano e de responsabilidade. Não há

maior covardia individual, e não há maior alienação, no sentido de recusa de

ver a realidade. Mas seu malentendido não pode ser assim facilmente corri-

gido. Aparenta dimensões muito mais profundas.

São as dimensões religiosas, apontadas por Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger,

Buber, para não falar em Agostinho, Pascal, Eckehart, Teresa. Há, em nós, uma

fome religiosa, insaciada pela nossa cultura. E como se nossa cultura, toda

ela, fosse uma única e gigantesca negação, por profanação, daquilo que nos é

sacro. E como se ela tapasse a visão do sacro, de modo que a perdemos. A

nossa cultura se põe, deste ângulo, como uma tremedna conversa fiada a descon-

versar a única coisa seria: Deum atque animam. Nessa cena o nazismo lhe apare-

ce como o soprar de um vento, por certo cruel, mas dissipador de nuvens. Como

um manduqueísmo, por certo nefasto, mas libertador de algemas. E é esta sua vi-

são que me causa horror e medo.

Pode ser que sua visão seja correta. Pode ser que vulgaridade e cretinice é

um método potente para dissipar o clima opressor da nossa cultura. Mas inte-

lizmente não estou disposto a pagar este preço. Não estou disposto a sacri-

ficar meu intelecto em holocausto, e muito menos meu amor pelo belo. E não

creio que, no fundo, esse sacrifício lhe seja mais possível que a mim, já que

conheço seu entusiasmo pelo fogo do pensamento e da arte. Por isto não lhe

comprendo. Como não vejo que o método nazista de romper com a cultura é feito

e burro? Que é, em outras palavras, a tentativa de tornar um problema multi-

to difícil em problema de soluções fáceis e baratas? Que é uma fuga? Não

lhe comprendo. Por favor, ajude-me e explique-se, já que não se trata apenas

do nazismo, mas de todos os valores.

Um forte abraço

